

VANNUCCI, Marta

* bióloga; doutora em zoologia, 1944.

Nasceu em Florença, na Itália, em 10 de maio de 1921. Seu pai, o médico-cirurgião Dino Vannucci, antifascista militante, veio para o Brasil em 1927, fixando residência em São Paulo. Marta veio em 1930, juntamente com a mãe e a irmã mais velha. Ingressou no curso de História Natural na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL/USP), concluindo-o em 1943. No ano seguinte doutorou-se em ciências, na área de Zoologia, defendendo a tese intitulada *Hydroida Thecaphora do Brasil*. Ainda em 1944, tornou-se assistente do chefe do Departamento de Zoologia da FFCL/USP, Ernst Gustav Goltthelf Marcus, que havia sido seu professor. Desempenharia essas funções até 1950. Nesse período, passou uma temporada nos Estados Unidos, fazendo um estágio na Universidade de Yale e no Marine Biological Laboratory, em Woods Hole.

Em 1949, foi convidada a integrar a equipe de pesquisadores do Instituto Paulista de Oceanografia (IPO) pelo seu diretor Wladimir Besnard. Primeiro instituto de pesquisas dedicado às ciências oceanográficas no Brasil, o IPO – subordinado à Divisão de Proteção e Produção de Peixes e Animais Silvestres do Departamento de Produção Animal, da Secretaria de Agricultura – fora criado para estudar os oceanos e desenvolver a pesca em base científica. Marta e Besnard julgaram conveniente solicitar à Reitoria da USP a passagem do IPO para a Universidade devido ao fato de ser ele um centro de pesquisa científica. A incorporação ocorreu na prática já em 1950 e formalmente em dezembro de 1951, quando o instituto tornou-se uma unidade de pesquisa da USP com a denominação de Instituto Oceanográfico (IO-USP). Com ela, o Instituto Oceanográfico comandado por Besnard começou a realizar trabalhos de pesquisa na área da biologia marinha e da oceanografia física e foram organizadas as divisões de Oceanografia física, química e biológica.

O interesse de Marta era na área da Oceanografia Biológica, na qual desenvolveu inúmeros trabalhos com excursões, coleta de espécies, publicações, e, inclusive, contribuindo para a formação de coleções planctônicas do Instituto Oceanográfico. O IO-USP logo passou a conta com duas bases de pesquisas oceanográficas, nos extremos norte, em São Sebastião, e sul do litoral paulista, em Cananéia. Marta Vannucci realizou diversas excursões para Cananéia, e participou da expedição à ilha da Trindade. Nessas excursões e viagens, coletava espécies do plâncton marinho, que eram levadas para ser inventariadas e classificadas no instituto.

Em 1955, recebeu uma bolsa de pesquisas do Conselho Nacional de Pesquisas (atual Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq) de fundamental importância para prosseguir com os seus estudos sobre o plâncton (essa bolsa seria renovada no ano seguinte por mais dois anos e, no ano de 1958, após uma nova solicitação, seria contemplada com mais uma renovação). Ainda em 1955, foi uma das professoras de um curso de biologia marinha patrocinado pela Unesco, em colaboração com a USP e o CNPq. Nesse mesmo ano, ingressou na Academia Brasileira de Ciências (ABC).

No ano de 1956, deu início a pesquisas sobre as hidromedusas das águas brasileiras, ela foi contemplada com uma bolsa concedida pela Unesco para realizar investigações na Estação de Biologia Marinha de Millport, na Escócia. Na ocasião, ela visitou importantes centros de estudo, de reputação internacional, como o Fishery Laboratory, de Aberdeen, e o Oceanographic Institute, de Edinburgh, ambos na Escócia, inteirando-se de métodos e técnicas de pesquisas modernas empregadas no estudo do plâncton.

Após cerca de 15 anos de trabalho no IO-USP, Marta Vannucci assumiu a direção do instituto em 1964. Nessa ocasião, o Instituto Oceanográfico já havia passado, em 1960, por uma profunda reforma em sua estrutura organizacional e nas suas atribuições, agregando à sua missão de órgão de pesquisa, as tarefas ligadas ao ensino, tendo, doravante, a possibilidade de realizar cursos, visando à formação de oceanógrafos e técnicos. Os três principais eixos da sua gestão foram a construção do prédio do Instituto, a construção do navio de pesquisas confiada a um estaleiro norueguês, e a organização dos cursos de pós-graduação. Marta dispôs de um milhão de dólares oferecidos pela Fundação Ford, que utilizou para dar início aos cursos de pós-graduação e para comprar equipamentos para o navio de pesquisas.

Também em 1964, participou da Expedição Internacional ao Oceano Índico, a bordo do navio oceanográfico norte-americano *Anton Bruun*. Dessa expedição, organizada pela Unesco em virtude das poucas informações disponíveis sobre aquele oceano, participaram 17 navios de pesquisa de vários países das Américas, Europa e países do litoral do oceano Índico.

Em dezembro de 1966, foi eleita membro titular da Academia Brasileira de Ciências, tendo sido a primeira mulher a ser escolhida para a assembleia geral da entidade.

No ano de 1969, quando ainda exercia o cargo de diretora do Instituto Oceanográfico, se afastou do Instituto e ingressou na Unesco. Marta iniciava, então, sua carreira internacional, indo trabalhar como perito em oceanografia em Cochin, no sul da Índia. Lá havia o centro organizado pelo governo indiano para triagem das amostras de plâncton da expedição da qual havia participado em 1964. Após a conclusão dos trabalhos no espaço indiano, foi enviada pela Unesco para organizar o laboratório de triagem de plânctons da Universidad Nacional Autónoma de México – Unam. Permaneceu no México de meados de 1972 a 1974, ano em retornou à Índia, para trabalhar no escritório regional da Unesco em Nova Delhi, do qual acabou sendo diretora. Ainda em 1974, aposentou-se da USP.

Mudou de objeto de pesquisa em 1983, quando se tornou consultora técnica-chefe de um projeto regional da Unesco sobre mangues na Ásia e no Pacífico, envolvendo nove países e com uma perspectiva de dois anos de trabalho. Por ter sido muito bem-sucedido, o projeto – que procurava aplicar os resultados de pesquisa científica a práticas tradicionais, sobretudo em áreas ecologicamente marginais e em ecossistemas marginais – foi estendido no tempo e geograficamente. Acabou durando oito anos e abrangendo 22 países. Marta se aposentou da Unesco em 1989, mas continuou morando na Índia. Nesse país, trabalhou com uma organização não governamental, nos vales do Himalaia, procurando aplicar os conhecimentos da ciência contemporânea aos conhecimentos da tradição oral, e se dedicou aos estudos da filosofia védica e hindu.

Teve participação decisiva na organização da International Society for Mangrove Ecosystems (ISME), sociedade científica não governamental criada em 1990 e com sede em Okinawa, no Japão, com o objetivo de consolidar os benefícios obtidos ao longo dos oito anos do projetos sobre manguezais da Unesco. Uma das maiores especialistas do mundo em ecossistemas dos mangues, foi uma das autoras da “Carta dos Manguezais”, lançada pela ISME em 1992. Durante 15 anos ofereceu curso sobre manguezais em Okinawa, a convite do Ministério das Relações Exteriores japonês.

Em 1997, foi agraciada pelo governo brasileiro com a Ordem do Mérito Científico Nacional.

Antes de retornar de vez ao Brasil em 2014, morou por aproximadamente cinco anos em Florença. Em sua cidade natal, trabalhou como voluntária em museus e na universidade, dedicando-se, nessa fase da vida, à antropologia, escrevendo vários livros sobre o tema.

Fontes:

<http://www.io.usp.br/index.php/noticias/10-io-na-midia/716-a-mulher-que-navegou-nos-mares-do-mundo-marta-vannucci>

<http://jellynews.blogspot.com.br/2009/10/marta-vannucci-pioneer-in-study-of.html>

<http://www.mangrove.or.jp/english/subpage/index.html>

http://www.canalciencia.ibict.br/notaveis/livros/marta_vannucci_38.html

Obs.:

23/08/1961 auxílio para viagem para o exterior

18/12/1963 solicitação de bolsa de aperfeiçoamento

29/04/1964 auxílio para a realização de trabalhos de pesquisa na Seção de Plâncton

14/12/1964 passagens e diárias

28/07/1965 auxílio não identificado